

# O SENTIDO DE MISSÃO NO IMAGINÁRIO POLÍTICO NORTE-AMERICANO

CECÍLIA AZEVEDO\*

## RESUMO

Este artigo examina os conceitos e mitos associados a um dos mais importantes programas de assistência internacional criados pelo presidente Kennedy: Os Corpos da Paz. A partir desse caso, levanto algumas questões a respeito de identidade, tradições político-religiosas e diálogos inter-culturais.

**Palavras-chave:** Estados Unidos, Governo Kennedy, Relações EUA-Brasil, História Cultural, identidade, imaginário político.

Este trabalho recupera a história da criação dos Corpos da Paz, uma agência governamental norte-americana, instituída pelo presidente Kennedy no início do seu governo, com o objetivo de enviar voluntários ao então chamado Terceiro Mundo, para trabalhar em projetos de assistência comunitária, especialmente nas áreas de educação, saúde e desenvolvimento agrícola.

Através da história dessa agência e da experiência dos voluntários é possível penetrar no imaginário político norte-americano, verificando como diferentes atores - individuais e institucionais - incorporaram e reelaboraram as tradições político-religiosas que compõem a cultura política<sup>1</sup>, a identidade nacional norte-americana.

---

\*. A autora é Professora Assistente do Departamento de História da UFF e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da USP. Este trabalho é parte de uma pesquisa mais abrangente sobre a ação dos Corpos da Paz no Brasil, desenvolvida com vistas ao doutoramento.

<sup>1</sup>. Refere-se às expectativas das pessoas a respeito das realidades políticas e também aos ideais compartilhados em termos do que a vida pública deve ser. Corresponde às atitudes,

A agência foi responsável, até 1992, pelo envio de mais de 135.000 voluntários ao exterior e se constitui ainda hoje numa das instituições mais consagradas pela opinião pública norte-americana, sendo apoiada tanto por Democratas quanto por Republicanos, o que até agora garantiu que a agência não fosse afetada significativamente pelos cortes no orçamento federal.

De 1961 a 1981, período de funcionamento dos programas dos Corpos da Paz no Brasil, cerca de 6.000 norte-americanos foram enviados ao país - na maioria dos casos para lugares remotos do Nordeste e Centro-Oeste, por um período de dois anos.

Experiências de imersão numa outra cultura, como esta dos voluntários da paz, se revelam preciosas para uma discussão a respeito dos diálogos inter-culturais e dos processos de construção de identidade. O caso dos Corpos da Paz se mostra ainda mais revelador por ter nascido num contexto muito especial da história norte-americana: o início da década de 60, momento em que novas identidades sociais e políticas se constituíram a partir dos diversos movimentos que se fizeram sentir ao longo do período: movimento pelos direitos civis, movimentos estudantil, feminista, pacifista, etc.

Mas as manifestações públicas e o ativismo político seriam na verdade expressões de algo mais profundo que Raul Girardet<sup>2</sup> chamou de “efervescência mítica” e que me parece caracterizar muito bem os primeiros anos da década, inaugurada justamente pela eleição de Kennedy. O mais jovem e primeiro presidente norte-americano católico e de ascendência irlandesa, que se transformou num fenômeno de popularidade, prometia romper com a inércia e o torpor moral que a escalada do consumo da era Eisenhower, segundo ele, provocara. Kennedy se dizia disposto a cumprir o slogan de sua campanha “Colocar a América outra vez em movimento”, respondendo ao desejo por mudança e ao clamor por ação que se difundiam em amplos setores da sociedade.

---

conceitos e sentimentos que informam e governam o comportamento político e constituem um conjunto de padrões coerentes que se reforçam mutuamente . Apesar da tendência à diversidade e diferenciação, uma comunidade política implica em uma cultura política que concede sentido, previsibilidade e informa o processo político. Pye , L & Verba, s.(ed) *Political Culture and Political Development*. Princeton University Press, 1965 e Bernstein, Serge. “La culture politique”. In: **Pour une Histoire Culturelle**. Paris: Seuil, 1997, p. 371-86.

<sup>2</sup>. Girardet, Raul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

Nesse sentido foi muito significativa a escolha do lema “Nova Fronteira” para batizar seu programa de governo. O mito da fronteira foi alçado à condição de explicação histórica em 1893 através da tese clássica de Frederick Jackson Turner, um historiador do meio-oeste. Segundo Turner, a origem da democracia e da identidade norte-americana residiria não na Nova Inglaterra, mas na experiência da fronteira móvel, que até o final do século XIX progressivamente avançou para o oeste. Turner invertia assim, as interpretações até então hegemônicas na historiografia norte-americana.

A idéia de fronteira implica na visão de uma história linear, aberta para um futuro sempre mais grandioso em termos de experimentações sociais e políticas.

Após o fechamento da fronteira agrária à oeste, outras fronteiras foram imaginadas pelos norte-americanos. Sucessivas fronteiras arrancadas à natureza e aos povos “primitivos”.

É importante ressaltar que o mito da fronteira adquiriu significados variados dependendo do momento e da perspectiva política daqueles que o invocaram. Para os colonos puritanos representou regeneração espiritual. Para os jeffersonianos, que pregavam a descentralização política e econômica e ampla difusão da propriedade, fronteira representava renovação democrática e do contrato social.

Na década de 60, este mito certamente influenciou de variadas maneiras os voluntários que resolveram se alistar nos Corpos da Paz, mesmo aqueles críticos mais radicais da política exterior adotada pelo seu próprio governo. Justamente por não ser unívoco e estático, o mito da fronteira funciona como importante referência em termos de identidade nacional, sendo inteligível por um largo espectro político, que inclui ultra-liberais e ultra-conservadores.

Ao escolher o lema “Nova Fronteira”, Kennedy se apropriava de sua força simbólica. O sentido era o de estar lançando um empreendimento ousado, sem limites, dirigido para o exterior, para um Terceiro Mundo em ebulição. A luta contra os comunistas adquiria sustentação mítica ao ser associada à aura heróica dos desbravadores da fronteira. Tal como os colonos do Oeste, que se sentiam com a vida sempre por um fio, Kennedy, apresentaria as questões domésticas e especialmente as externas sempre num tom dramático, como se estivesse decidindo sobre a sobrevivência do “mundo livre”. O episódio dos mísseis de Cuba forneceria a ocasião perfeita para ilustrar a tese de que além dos EUA, a humanidade corria perigo, consagrando a imagem

grandiosa e heróica do presidente que se manteve à altura dos acontecimentos.

Apesar de ter condenado o maniqueísmo simplista e o evangelismo protestante que atribuía a seu antecessor, e ter afirmado que seus pressupostos eram realistas, racionais e não moralistas, Kennedy reafirmava a idéia do “destino providencial” da América, apelando para sentimentos de fundo religioso.

Em seu discurso de posse, Kennedy daria grande destaque a idéia de sacrifício do privado em nome do público. A célebre sentença “não pergunte o que o país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo seu país”, acabaria inscrita no túmulo do presidente assassinado.

O discurso, que na ocasião foi considerado peça de muita beleza, tinha como horizonte não só a condução dos problemas domésticos dos Estados Unidos, mas o enfrentamento dos inimigos da humanidade: a tirania, a pobreza, a doença e a guerra. Para tanto, o presidente vislumbrava uma revolução pacífica, na qual os norte-americanos empregariam toda a sua “energia, fé e devoção”. A América Latina foi especialmente citada na ocasião, dizendo o presidente que “as boas palavras seriam transformadas em boas obras”<sup>3</sup>.

Era hora, insistia, de renovar as velhas disposições morais dos americanos, hora de um *revival* capaz de provar ao mundo o valor do sistema americano.

Uma das primeiras iniciativas do presidente foi criar a Commission on National Goals (Comissão dos Objetivos Nacionais) que, em seus primeiros estudos confirmou o discurso da campanha, concluindo que os EUA deveriam recuperar e estender seus laços com outros países, que mais americanos deveriam viver no exterior e que o país como um todo deveria se comprometer a se sacrificar mais<sup>4</sup>. A missão global dos EUA, tal qual ocorrera após as duas grandes guerras, voltou a ser traduzida em termos de uma missão civilizadora, consubstanciada em programas de assistência social e econômica de longo prazo, nos quais, desta feita, os Corpos da Paz iriam se integrar. Em sua primeira mensagem sobre assistência internacional dirigida ao Congresso, Kennedy sintetizou seu pensamento na afirmação de que o

---

<sup>3</sup>. John F. Kennedy's Inaugural Address. In: **The Annals of America**, vol 18 (1961-1968). The Burdens of World Power. William Benton (pub) Encyclopedia Britannica, Inc. Chicago, 1968.

<sup>4</sup>. V. Rice, Gerald. **The bold Experiment: JFK's Peace Corps**. Notre Dame: Indiana, University of Notre Dame Press, 1985.

colapso de nações “livres”, mas menos desenvolvidas, seria “desastroso para nossa segurança, prejudicial a nossa comparável prosperidade e ofensivo a nossa consciência”<sup>5</sup>. Este discurso de Kennedy presta-se perfeitamente para ilustrar o que Tocqueville considerava característico dos norte-americanos e que denominou de “doutrina do interesse bem compreendido”. Nos EUA, segundo as observações de Tocqueville, não se defendia a virtude simplesmente, mas argumentava-se sempre que a virtude era socialmente útil. Os norte-americanos se deleitavam em explicar todos os atos da vida recorrendo a tal doutrina, dispendo-se graciosamente ao sacrifício, confiando que certamente ele reverteria em seu próprio favor, ainda neste mundo. Da mesma forma, John Kennedy tentava convencer os congressistas que os programas de assistência internacional, além de corretos moralmente, tinham a vantagem de evitar maiores gastos no combate ao comunismo, ou até mesmo a eclosão de uma guerra, assumindo portanto um caráter preventivo.

A criação de um programa de recrutamento para trabalho voluntário no exterior não poderia ser mais apropriada neste contexto. A idéia fora mencionada por Kennedy a estudantes da Universidade de Michigan a apenas três semanas da eleição presidencial. Num discurso de improviso, o candidato lançara um desafio à platéia, perguntando quantos ali presentes se dispunham a dar alguns anos de suas vidas servindo seu país no exterior. A entusiasmada acolhida dos estudantes foi decisiva. Dias mais tarde, foi fundado o grupo “Americans Committed to World Responsibility” (Americanos Compromissados com a Responsabilidade Mundial), que subscreveu uma carta publicada num jornal de Michigan convocando os estudantes a responderem ao apelo de Kennedy. A reação surpreendeu os organizadores, gerando um documento com mais de mil assinaturas, posteriormente entregue ao candidato.

A poucos dias da eleição, num comício em São Francisco, Kennedy assumiu oficialmente o compromisso com a criação do então batizado Corpos da Paz. Seu discurso, intitulado “Compondo uma Política Externa para Paz”, questionava o descaso do governo republicano em relação a essa questão, o que se poderia verificar pelo despreparo das missões encarregadas de representar os Estados Unidos no exterior. Kennedy criticava a formação e a postura inadequada dos membros das representações diplomáticas norte-americanas nos países do Terceiro Mundo - região que se tornava chave na luta entre o Leste e o

---

<sup>5</sup>. Special Message on Foreign Aid to the Congress of the United States, March 22, 1961.

Oeste, segundo ele. A arrogância e a despreocupação dos norte-americanos em estabelecer relações mais profundas com esses povos ficava evidente, afirmava Kennedy, ao se constatar o número absolutamente insignificante dos funcionários com algum conhecimento do idioma desses países. Alegando que a URSS, China e outros países comunistas tinham tomado a ofensiva em termos da preparação de “missionários do comunismo internacional”, os Estados Unidos não poderiam deixar de demonstrar compaixão e se esforçar para compreender as necessidades dos outros povos.

Kennedy inspirava-se na novela “The Ugly American” (“O Americano Feio”), que se transformou em best-seller durante a campanha de 1960. O livro tem como personagem principal um engenheiro que, pouco preocupado com as aparências e os bons tratos, consegue desenvolver com muito sucesso um programa de assistência técnica no sudeste asiático. Seu segredo era viver em contato direto com as comunidades assistidas, aprendendo a sua língua e procurando compreender sua cultura. Seu contraponto na estória eram os representantes oficiais do governo norte-americano que não cultivavam nenhum interesse em se aproximar do povo e da cultura local, e acabavam por prejudicar a imagem dos Estados Unidos pelo seu mal disfarçado sentimento de superioridade e desprezo pelo nativo. Os Corpos da Paz deveriam servir como antídoto para esse mal, seguindo o exemplo do herói da novela e inaugurando um novo padrão nas relações internacionais. Os voluntários deveriam ser rigorosamente selecionados e submetidos a um treinamento intensivo no idioma e cultura locais antes de partirem para seus postos.

Kennedy preocupava-se especialmente com a América Latina. Em sua opinião, o descaso dos EUA em relação às carências dos vizinhos do sul e também seu apoio a ditaduras, seriam responsáveis pela instabilidade que se generalizava na região, a partir de Cuba. Kennedy estava certo que a continuar tal política ortodoxa, ou esta falta de política, como costumava dizer, que limitava-se a tentar garantir um clima favorável aos investimentos estrangeiros pela estabilidade monetária, a influência norte-americana na América Latina estaria irremediavelmente comprometida.

Movido por tal sentido de urgência, Kennedy encomendou a seus assessores “medidas dramáticas para conquistar a imaginação dos povos

daquela área”<sup>6</sup>. O resultado foi a Aliança para o Progresso, um ousado plano de desenvolvimento, formulado a partir de contribuições de técnicos da Cepal.

Mais do que adotar os conceitos de desenvolvimento, incluindo a necessidade de realização de reformas estruturais a serem conduzidas pelo Estado, o essencial a ser destacado a respeito da APP é justamente a idéia, subjacente a todo o programa, de uma identidade histórica e espiritual entre os EUA e a América Latina. Com as mesmas raízes culturais européias e cristãs, a América Latina deveria trilhar um curso idêntico em direção ao progresso e a democracia que os EUA. A América Latina certamente equivaleria a uma nova fronteira, uma *wilderness* fora da “América”, ou seja, uma região ainda desprovida de liberdade e de felicidade, mas em vias de ser integrada. Para cá então deveriam se dirigir os modernos missionários.

Mas a visão dessa nova “wilderness”<sup>7</sup>, neste momento, é menos negativa. Ao assumir-se a inter-relação entre pobreza econômica, desigualdade social e opressão política, a cultura ou o povo da nações latino-americanas enquanto tais deixaram de ser responsabilizados pelo subdesenvolvimento. O reconhecimento de que os obstáculos ao desenvolvimento e à democracia na América Latina não eram decorrentes simplesmente da instabilidade de moedas e preços ou ao temperamento inapelavelmente apático e violento de suas populações, favoreceu a adoção de uma postura, senão despojada de todo etnocentrismo, pelo menos mais sensível e menos superficial em relação aos latinos da parte dos que conduziriam os programas assistenciais. Era preciso ajudar esses povos a se libertarem de estruturas seculares que, essas sim, impediam o progresso e geravam opressão. Os Corpos da Paz deveriam contribuir através de programas de desenvolvimento comunitário, destinados não a produzir alguma melhoria material, mas a incentivar os líderes naturais de cada comunidade a estabelecer coletivamente as necessidades e objetivos a serem perseguidos, despertando assim a consciência da comunidade em relação aos seus direitos.

---

<sup>6</sup>. Schelesinger, 1966, p.158.

<sup>7</sup>. O termo “wilderness”, no contexto da tese de Turner, refere-se ao que está além da fronteira: um lugar deserto, desprovido de “civilização”. “Wilderness” vem do verbo “to wilder”, que significa desorientar, extraviar-se. O significado de “wilderness” tem variado de acordo com a interpretação que se atribui ao mito da fronteira. Numa versão mais etnocêntrica e “civilizatória” pode significar mundo selvagem; numa mais integradora, pode equivaler à natureza em estado puro.

Para muitos voluntários não havia dúvida: os programas de desenvolvimento comunitário significavam nada menos do que exportar o movimento pelos direitos civis.

É importante ressaltar que acentuada retórica de ativismo e missão que acabou se instituindo como marca do governo Kennedy, não deve ser vista como algo sem substância, uma mera jogada de propaganda política. O apelo do católico Kennedy a que seus concidadãos reavivassem a ética puritana deve ser associado à obsessiva preocupação com virtudes morais, cujas raízes na sensibilidade norte-americana são profundas, ultrapassando as divergências em termos de doutrinas religiosas e políticas e constituindo uma verdadeira “religião civil”<sup>8</sup>.

Seria certamente ocioso tratar do papel da religião na história da colonização do atual EUA. Vale citar apenas um exemplo que, segundo Robertson<sup>9</sup>, ilustra com clareza a estreita relação entre nacionalidade e religiosidade: o *Thanksgiving*, uma data das mais significativas para os norte-americanos, um momento de festa em que o elemento cívico e religioso se misturam com muita clareza. Dia de ação de graças, o Thanksgiving celebra a primeira colheita em solo colonial e a sobrevivência dos *pilgrims*, primeiros colonos, refugiados religiosos. Junto com a liberdade religiosa, celebra-se a salvação e o nascimento de um povo. A simbologia contida no mito do primeiro Thanksgiving nos fala sobre a ambivalente identidade dos norte-americanos. O Thanksgiving representa sem dúvida uma afirmação ritual da vitória sobre a natureza. Mas, salienta Robertson, uma vitória alcançada pela capacidade de se adaptar ao meio. O peru, animal nativo, e os cereais que os índios ensinaram os colonos a cultivar são a base dessa primeira ceia, para a qual, em algumas versões do mito, os nativos foram também convidados a participar. Devora-se e ao mesmo tempo integra-se a natureza, os selvagens, a wilderness. Seguindo a sugestão desse autor, talvez seja possível buscar, nesta brecha aberta na estória mítica nacional, a referência para o Ugly American e para as disposições, certamente ambivalentes mas mais positivas, que tentaram se afirmar no seio dos Corpos da Paz.

---

<sup>8</sup>. Essa expressão foi criada por Robert Bellah com o objetivo de chamar atenção para uma tradição político-religiosa que remonta ao período colonial e ao contexto de nascimento dos EUA enquanto nação independente e que detém ainda importante papel na vida pública norte americana, V. **The Broken Covenant: American Civil Religion in Time of Trial**. The University of Chicago Press, 1984.

<sup>9</sup>. ROBERTSON, James Oliver. **American Myth, American Reality**. New York: Hill & Wang, 1994.

No outro momento fundador, o da independência, os ingredientes religiosos são também facilmente identificáveis. A idéia central era a de que a República equivalia a um regime da virtude e do auto-sacrifício, devendo a nação seguir o modelo de uma “Esparta Cristã”. De acordo com essa lógica simbólica, a sobrevivência da nação dependeria de uma moralidade social que incluiria valores como lealdade, honestidade, preocupação com a comunidade e frugalidade, por oposição ao puro individualismo e à dissipação. Certamente mais visível no passado, essa moral religiosa não se extinguiu com a secularização e o Iluminismo e acabou por invadir o século XX, resistindo até os nossos dias.

Parece surpreendente que ainda sobrevivam nos EUA prosaicas organizações como a “Society for the Supression of Vice” ou as “Legion for Decency”. O recente escândalo sexual que envolveu o presidente Clinton, ameaçado de sofrer *impeachment* pela acusação de mentir ou induzir à mentira em juízo, é outro exemplo dessa peculiar moralidade pública.

Mas o fervor moral não se expressa apenas através de uma rígida separação entre o bem e o mal, traduzida em condenações e restrições comportamentais.

Na década de 60, os Corpos da Paz encarnariam um ideal de serviço e ação social vinculado a padrões morais indiscutivelmente decorrentes da tradição puritana, mas que no entanto atraiu voluntários de diferentes orientações religiosas e políticas, inclusive integrantes da New Left.

É claro que formalmente, a dissociação entre os Corpos da Paz e a religião era forçosa pela Primeira Emenda<sup>10</sup>. Mas, independente do fato do proselitismo religioso não ser admitido nos Corpos da Paz, a idéia cristã do amor e do serviço ao próximo era ressaltada por todos que apoiavam a criação da agência. Embora alguns parlamentares considerassem que os Corpos da Paz estariam assumindo uma missão que caberia na verdade às Igrejas, a maioria expressou satisfação com a associação de zelo missionário e devoção à pátria.

---

<sup>10</sup>. Houve inclusive o cuidado de excluir as organizações religiosas dos contratos de gestão de programas da agência no exterior. Além disso, não havia qualquer campo nos formulários preenchidos pelos voluntários ao longo do processo de seleção reservado à indicação de sua religião. Os funcionários eram inclusive orientados a rasurar tais informações se elas fossem deliberadamente registradas pelo candidato. Mesmo indo lecionar em escolas religiosas em diferentes países, os voluntários só ministravam matérias não religiosas. Peace Corps, Washington, DC, Public Information. “Policy on Peace Corps Relationship with Religious Agencies” - Bush Papers, Box 5, JFK Library.

A vinculação entre fervor moral e os Corpos da Paz era incessantemente enfatizada por Sargent Shriver, cunhado de Kennedy e primeiro diretor dos Corpos da Paz, cuja importância na definição de um perfil ideológico para agência foi decisivo. Os inúmeros discursos que proferiu em vários pontos dos Estados Unidos e pelo Terceiro Mundo a fora na cruzada em favor dos Corpos da Paz permitem verificar o quanto a idéia do trabalho voluntário como um dever moral impregnou a concepção da agência desde o princípio.

Quando se dirigia ao público interno, Shriver frequentemente fazia uso de um vocabulário religioso ao alertar para os perigos da degenerescência da sociedade americana. Em seu apelo para que seus compatriotas superassem o isolacionismo indiferente e partissem para ação, exportando os princípios da Revolução Americana, é interessante notar a tensão entre a busca do outro - diferente mas igual - já que a universalidade da condição humana é sublinhada -, e o excepcionalismo dos Estados Unidos, que não deviam deixar de cumprir sua missão de redimir o mundo, seu “Destino Manifesto”. Nessa chave, os Corpos da Paz seriam um meio para recuperar a liderança dos EUA no mundo. No entanto, ao falar a líderes do Terceiro Mundo, sua preocupação era sempre enfatizar o aspecto educativo da experiência dos Corpos da Paz para os jovens voluntários norte-americanos, numa postura reverente em relação à diversidade e riqueza cultural desses povos. Sua intenção era certamente dissipar temores e qualquer associação entre os Corpos da Paz, imperialismo cultural<sup>11</sup> e guerra fria. A agência é apresentada como uma iniciativa desinteressada de auxílio, de solidariedade cristã. Shriver defendia uma “guerra santa americana contra pobreza”, uma “ação civil iluminada”, uma “política de obras” inspirada em princípios humanitários, cívicos e cristãos.

É importante frisar que no contexto da primeira metade dos anos 60, as posições de Shriver se mostram bastante progressistas, não só por suas ligações com o movimento pelos direitos civis - que aliás foi um traço característico de toda primeira geração da agência - como também por sua condição de arauto da ação social da Igreja.

---

<sup>11</sup>. É bom lembrar que naquele momento, em que o processo de descolonização na África e na Ásia cumpria seu curso, estavam em alta as discussões a respeito do etnocentrismo, do imperialismo e do relativismo culturais. A Antropologia foi com certeza uma disciplina chave na década de 60, quando a diferença entre as culturas e os códigos nacionais e regionais eram afirmados, ao mesmo tempo em que insistia-se numa unidade universal do homem. É bom lembrar que Raça e História de Lévi-Strauss é de 1961.

Shriver, um estudioso do pensamento católico, costumava invocar os Papas João XXIII e Paulo VI ao advogar a identificação da Igreja com os pobres. Ele defendia a idéia de que as Igrejas não podiam deixar de assumir o importante papel que lhes cabia na luta contra a discriminação racial, a maior de todas as chagas nacionais. Nesse sentido, a Igreja deveria retomar sua função precípua de conquistar consciências, devendo não se omitir em relação aos problemas sociais, que teriam na verdade raízes e implicações morais.

Pode-se perceber claramente como o universo religioso de Shriver comporta uma interessante composição entre sua fé professada - o catolicismo - e a ética protestante que o cerca e que sem dúvida incorpora. Shriver mostra-se bem católico em sua prédica universalista e em sua rejeição do dogma da predestinação. Mas não poderia ser mais puritano no seu ascetismo e sua valorização religiosa da ação moral. Conforme analisa Weber<sup>12</sup>, a valorização das obras como sinal da graça divina; a imposição da frugalidade por oposição ao consumo desmedido; a substituição do lazer por trabalho intensivo, em suma um constante auto-controle e uma obsessiva consideração sobre as conseqüências éticas de cada ato da vida diária seriam os traços mais característicos do calvinismo<sup>13</sup>. Os Corpos da Paz representavam para Shriver justamente uma infusão desses valores espirituais na esfera governamental.

É possível identificar no pensamento deste patriarca dos Corpos da Paz praticamente uma reprodução do de Tocqueville em sua defesa da religião como um antídoto para o individualismo e a cobiça, como único elemento capaz de contrabalançar os efeitos daquilo que denominou de “despotismo democrático”: situação decorrente de uma preocupação crescente com a esfera privada da família e dos negócios, levando à diminuição progressiva do interesse pelo universo da política e a substituição gradativa da participação pela delegação, com o conseqüente esvaziamento dos ideais e do sentido público em que o regime democrático deve se assentar.

---

<sup>12</sup>. Weber, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Gráfica Urupês, 1967.

<sup>13</sup>. Weber, esclarece que o tipo de conduta moral que lhe interessa pode ser encontrado entre os adeptos de denominações variadas do protestantismo além do Calvinismo: no Pietismo (depois incorporado ao Luteranismo), o Metodismo e em seitas derivadas do movimento batista. O autor assume o conceito de puritanismo no sentido da linguagem popular do século XVII, cujas referências eram os movimentos de inclinação ascética da Holanda e da Inglaterra, incluindo batistas, quakers e outros. Ver na obra citada, capítulo IV, nota 2, p. 163.

De acordo com o discurso de Shriver, a tarefa dos voluntários seria de uma grandiosidade exemplar: a de levar a Revolução Americana<sup>14</sup>, até então inconclusa, a seu termo, conduzindo a humanidade a um destino de paz, iluminado pelos preceitos da igualdade e da liberdade, originariamente americanos. Por sua vez, ao retornarem aos EUA, os voluntários, mais capazes de autocrítica, dilatariam o horizonte cultural e infundiriam mais tolerância em seus compatriotas. A tese da excepcionalidade da experiência norte-americana, que por tanto tempo embasara políticas externas isolacionistas, ganhava um novo contorno: o caso particular dos EUA poderia ser generalizado e transmitido a outros povos, que antes foram e mais tarde com Nixon ainda seriam vistos como incapacitados para democracia e para o desenvolvimento, definitivamente condenados pelos seus males de origem. A perspectiva assumida pelos Corpos da Paz certamente não garantia, mas deixava aberta a possibilidade para uma nova síntese na dialética do particular e do geral, para um encontro com aqueles cuja diferença deixava de ser vista como uma barreira irremovível, um fator impeditivo da relação.

As idéias de fronteira e de sacrifício, vinculadas à experiência histórica da conquista do Oeste e à matriz religiosa puritana recuperadas com tanta ênfase pelo governo Kennedy moldariam aquela que foi a agência governamental mais representativa da Nova Fronteira, a tradução mais completa da retórica lançada por Kennedy. Os Corpos da Paz, encarnando a possibilidade de a um só tempo reafirmar e reformular as tradições nacionais, podem ser vistos como uma expressão moderna dos mitos de origem norte-americanos.

No entanto, é importante esclarecer que os voluntários, apesar de imbuídos do ideal de serviço e ação social, recusaram, até onde tiveram consciência dele, o papel de missionários do americanismo. Cientes das ciladas inerentes à situação de imersão cultural, em geral os voluntários, mesmo afirmando a importância de tal experiência em suas vidas, repudiaram a mística da pureza e do heroísmo que os cercava.

---

<sup>14</sup>. Não é gratuito que Shriver tivesse tentado que a aprovação dos Corpos da Paz no Congresso ocorresse no dia 4 de Julho, coincidindo com as comemorações pela independência. Em memorandum ao presidente Shriver afirmava os Corpos da Paz eram “a new manifestation of the spirit of the American Revolution.” (“uma nova manifestação do espírito da Revolução Americana”). Memorandum for the Presidente, 18/6/1963, US Peace Corps Collection, Box 2, JFK Library.

Nas diferentes estórias contadas pelos voluntários é possível apreender a coexistência de identidades contraditórias, competitivas e deslocadoras. A nacionalidade, a condição social, o ofício, a origem urbana ou rural, a condição sexual, as convicções políticas e religiosas pressionaram em diferentes direções, facilitando ou dificultando a relação com o Outro. Através da análise das experiências e memórias dos voluntários, dificilmente redutíveis a um padrão, é possível se chegar a uma visão menos unidimensional tanto da agência, quanto dessa “América”, para nós ainda um tanto calibânica.

Ante o crescimento do individualismo, da indiferença e da anomia social neste final de século, parecem proféticas as admoestações de Tocqueville em favor da construção de referências morais coletivas que possam conceder sentido e coesão às sociedades, permitindo que os princípios universalistas e de inclusão se imponham sobre particularismos excludentes.

#### ABSTRACT

This article examines the concepts and myths associated to one of the most important international attendance programs crated by President Kennedy: The Peace Corps. From this case some matters are raised regarding identity, political and religious traditions and intercultural dialogues.

**Key words:** United States of America, Kennedy's Government, USA/Brazil Terms, Cultural History, Identity, Political Imaginary.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **Da Revolução**. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **Crises da República**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

BACZKO, B. “Imaginação Social”. In: **Enciclopédia Einaudi**. v.5, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BELLAH, Robert. **The Broken Covenant: American Civil Religion in Time of Trial**. The University of Chicago Press, 1984.

BERCOVITCH, S. "A retórica como Autoridade: puritanismo, a Bíblia e o mito da América. In: **Religião e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Tradução de Sérgio Lamarão.

- DIGGINS, J. P. "A Teoria e a Fundação da América". In: BERLOWITZ, L., DONOGHUE, D. e MENAND, L. (org) **A América em Teoria**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. Tradução de Márcio Cavalcanti de Brito Gomes.
- FUCHS, Lawrence H. **Those Peculiar Americans**. New York: Meredith Press, 1967.
- GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia da Letras, 1989.
- GUSKIN, Alan. "Passing the Torch". In: VIORST, Milton (Ed). **Making a Difference: The Peace Corps at Twenty-Five**. New York: Weidenfeld & Nicolson, 1986.
- JAMESON, Frederic. "Periodizando os anos 60". In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- KENNEDY, Robert. **O Desafio da América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Laudes, 1968
- MACMARTIN, C. "Peace Corps and Empire". In: **Covert Action Information Bulletin** (39): 35-39, winter 1991-92.
- RICE, Gerald. **The bold experiment: JFK's Peace Corps**. Notre Dame: Indiana, University of Notre Dame Press, 1985.
- SCHLESINGER JR., A. **Mil Dias de John Fitzgerald Kennedy na Casa Branca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966
- \_\_\_\_\_. **Os ciclos da História Americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992
- SHRIVER, Sargent. "The Vision". In: VIORST, Malilton (ed.) **Making a Difference: The Peace Corps at Twenty-Five**. New York: Weidenfeld & Nicolson, 1986.
- SMITH, T. "The Alliance for Progress: The 1960s". In: LOWENTHAL, A. F. (Org). **Exporting Democracy: The U.S. and the Latin America**. Baltimore: John Hopkins Univ. Press, 1991
- STERNESHER, B. **Consensus, Conflict and American Historians**. Bloomington: Indiana University Press, 1975.
- TOCQUEVILLE. **A democracia na América**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1977, (Coleção ler e pensar n.º 1).
- TODOROV, T. **As Morais da História**. Lisboa: Europa-América (Col. Biblioteca Universitária), s/d.
- TURNER, F. J. "The west and american ideals". In: **The frontier in American History**. Huntington, N.Y: Robert E. Krieger Publishing Company, 1976.
- WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Gráfica Urupês, 1967.

***Revista de História Regional 3(2) 77-90, Inverno 1998***